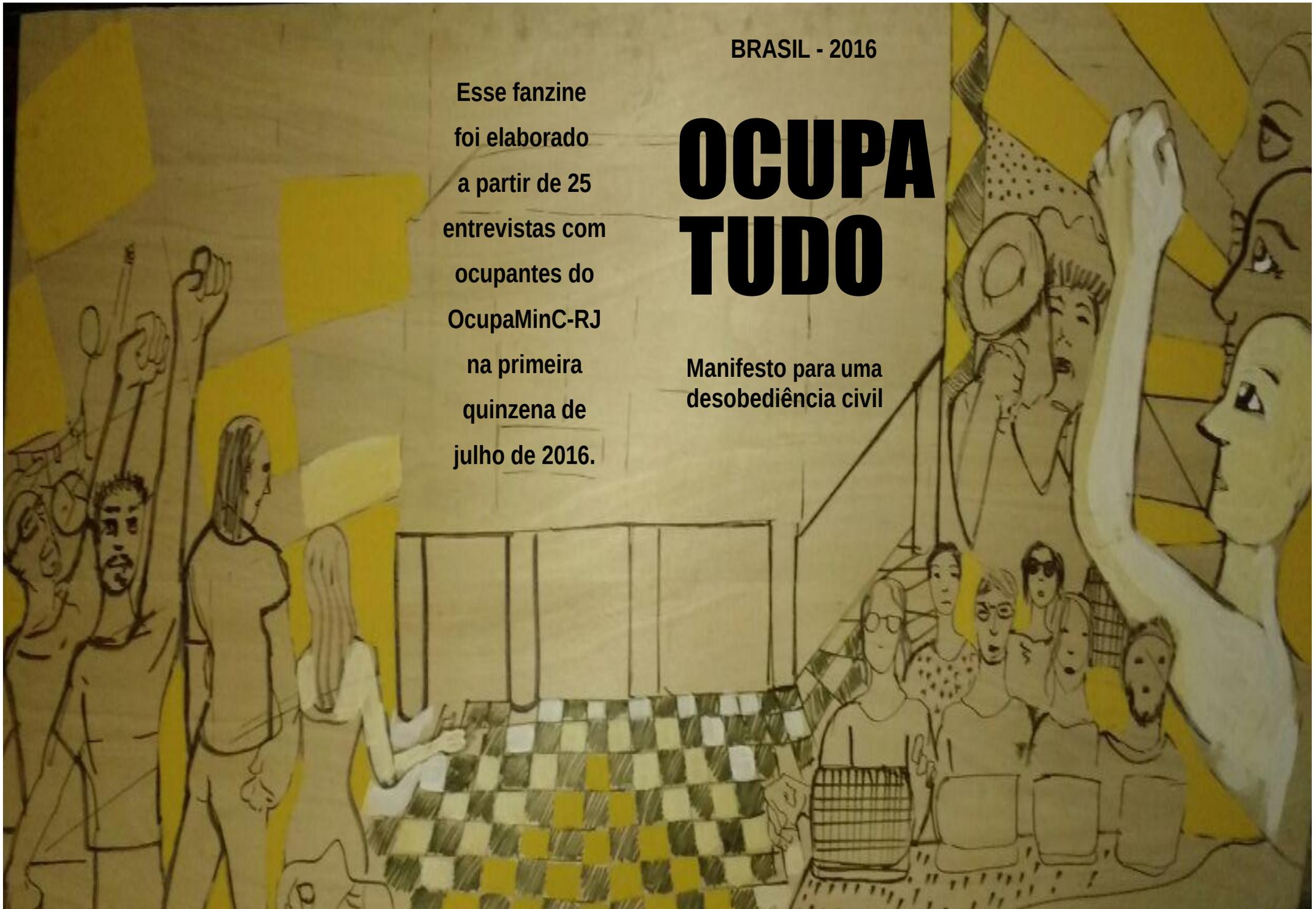


BRASIL - 2016

Esse fanzine
foi elaborado
a partir de 25
entrevistas com
ocupantes do
OcupaMinC-RJ
na primeira
quinzena de
julho de 2016.

OCUPA TUDO

Manifesto para uma
desobediência civil



RESISTIR

A ocupação de prédios e espaços públicos se dá dentro da justificativa da **desobediência civil**. Ela é uma forma pacífica de protestar para fazer o que se acha certo, digno e justo, diante da violência política de um sistema opressor contra o povo. Recentemente, um governo ilegítimo cometeu um crime contra a democracia. A nossa **resposta** imediata foi uma reação cultural e artística que resolveu usar a ocupação de maneira expressiva para **dar visibilidade** à nossa insatisfação. Em termos de comunicação e influência, o embate de força é muito desigual. Precisamos atrapalhar, incomodar, boicotar e inventar diversos mecanismos de pressão para ser ouvido e atingir um governo que não olha para o povo.

A ocupação é uma **ferramenta de luta**. Um lugar ocupado é um lugar de voz que reverbera o pensamento político de um momento e traz novas perspectivas. Mostrando sua própria capacidade de organização e articulação, o povo empoderado pode **exigir**. O processo de ocupação, pela sua intensidade, pela sua duração e pela quantidade de pessoas diretamente e indiretamente mobilizadas, já se tornou um importante **símbolo de resistência** contra as injustiças do capitalismo.

RE-SIGNIFICAR

Ocupar é criar uma nova relação com um lugar, empoderar-se e re-significar o que acontece nele. Estamos aqui reinventando o **espaço público**. O Ministério da Cultura é um órgão elitista que não olha para os movimentos sociais e nega os direitos das periferias. Os seus prédios se tornaram quase míticos, ícones de um poder inacessível para quem não conhece os códigos e não obedece a uma certa maneira de se vestir, de falar e de se ver. Mas a cultura é do povo! Ela é das comunidades e dos artistas populares que criam e compartilham. Ocupando, tomamos de volta o que nos pertence.

Estamos aqui debatendo uma nova maneira, mais popular e democrática, de promover a cultura, no intuito de gerar políticas públicas e fazer as coisas acontecer. Ocupar não é só denunciar, mas também mostrar. A programação diária de eventos variados e gratuitos, reunindo diversos públicos e artistas nesses **espaços historicamente silenciados**, é uma prova prática da gestão errada do nosso dinheiro pelo governo. Ocupar é um dever quando os espaços disponíveis não tem funcionamento. Por isso, a cultura e a arte continuam resistindo e re-existindo em qualquer contexto político, defendendo a **liberdade** de se expressar, de se apresentar e de trocar conhecimentos. Elas trazem a cor da nova cidade.

CONVIVER

A ocupação é mais do que um desrespeito. É uma revolução pacífica e cultural contra o sistema, uma desconstrução de paradigmas, um **laboratório** onde se experimentam outras formas de viver, trocando uma versão individualista por uma versão coletiva.

Ela é a **convivência**, num único espaço, de várias ideologias, culturas, peles, experiências, idades, pensamentos, origens, classes, forças políticas e movimentos sociais. Ela reúne pessoas que, às vezes, nem se conheciam antes de ocupar junto. Dessa **pluralidade** de falas, acaba nascendo uma comunidade que inventa novas formas de se relacionar. Um novo sistema onde a mudança começa consigo mesmo.

Ocupar é resistir, transformar, criar e agir com processos sustentáveis, olhando um para o outro e valorizando as nossas diferenças. A organização colaborativa empodera o coletivo e realiza o ser humano. Aqui, se aprende a **escuta**, o diálogo, a paciência, o respeito, a tolerância. Aqui, se constrói em conjunto, dividindo as atribuições e inserindo-se no processo. Aqui, se aposta na ideologia, na união, na autonomia e na ajuda mútua. Aqui, se discute política e arte, sem colocar ninguém num patamar inacessível.

&

CONSTRUIR

A ocupação é a construção política de uma democracia **horizontal** onde todo mundo tem voz. Entre erros e acertos, cada passo tem seus momentos críticos pedindo ajustes e cada debate gera

tensões e transformações, deslocando vários pensamentos antes de chegar num consenso.

A nossa força está no **movimento**. Nem no fim, nem no impulso, mas sim no caminho. A própria criação desses processos coletivos se torna uma estratégia para enfrentar o sistema. Somos executores. Somos um núcleo de ação e produção, que desconstrói pela prática o machismo, a homofobia, o racismo, a família tradicional, o ego e a propriedade.

Aqui, se aprende a **ser ativista**, a acreditar nas suas ideias e nas ideias dos outros. Pois sabemos que quando abraçadas por um coletivo pensando e operando, todas tem um potencial imenso de se realizar. Juntos somos um e não temos medo.



COMUNICAR

Uma ocupação incomoda quando ela consegue **incluir o povo** no seu processo, fisicamente ou virtualmente. Portanto, o empoderamento popular é a principal luta que se encabeça através da arte, da música e da informação. Além de abranger um grande número de pessoas, a cultura tem o poder de criar uma sintonia entre todos os que participam, frequentam e **ocupam à sua maneira**. Não estamos sós. Sofremos junto e nos organizamos para cessar com isso. A esperança não morreu. Ainda queremos escrever a História.

A ocupação cultural é um lugar de **formação política** com potencial inestimável. Ela abre um diálogo com diversas classes sociais, questionando as pessoas e mostrando que existe uma alternativa. Ela permite a troca de conhecimentos e a implementação de uma estrutura de ensino respaldada no teatro, na música e na arte.

Estamos num momento em que ignorar ou desconhecer não é mais uma opção aceitável. A grande mídia inunda a realidade com seu discurso e trata de apagar a consciência política do povo. Nesse contexto, a arte é **libertadora**. Temos que soltar a nossa criatividade radical e juntar as nossas forças, usando as novas ferramentas de comunicação para divulgar as nossas ideias por fora da ocupação.

VIRALIZAR

O nosso movimento se insere num **processo histórico** de revolta contra o sistema, que nasceu na década de 60 e teve maior repercussão nos anos 80 e 90. Em 2013, as manifestações de rua abriram novas discussões mas acabaram perdendo força ao longo dos últimos anos, por falta de resultado e reverberação política. Se pensou então em agir de forma diferente. Os secundaristas foram os primeiros a propôr uma releitura da antiga prática de ocupações.

O **momento atual** é extremamente poderoso. Ele representa um novo despertar que pretende gerar muitos frutos. Os ocupantes são as pessoas sonhadoras e revolucionárias de amanhã. Cada um de nós está amadurecendo e criando forças, possibilidades e redes que vão se desdobrar. A gota vai criar uma **onda**.

O nosso desafio é desenvolver mecanismos de resistência contra o sistema, passando esse sentimento convívio para as pessoas de afora e **sistematizando** a nossa experiência. A ocupação é uma ferramenta para o futuro e para além das fronteiras. Nós não estamos aqui só pela cultura, mas também pela reforma agrária, pela saúde, pela educação e pelas populações excluídas. O verdadeiro fim maior é uma **revolução dos povos**.